

## **RODAS DE CONVERSA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DOCENTE E A RELAÇÃO DOCENTE DISCENTE NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE.**

### **“ROUNDS OF CONVERSATION” ON THE QUALITY OF LIFE IN TEACHING WORK AND THE RELATIONSHIP TEACHER/STUDENT IN UNDERGRADUATE AND GRADUATE COURSES IN HEALTH**

Valquíria Coelho Pina **Paulino**<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí  
[valquiria.enf.ufg@gmail.com](mailto:valquiria.enf.ufg@gmail.com)

Juliana **Rodrigues**<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí  
[junurse2005@yahoo.com.br](mailto:junurse2005@yahoo.com.br)

Berendina Elsin Bouwman **Christóforo**<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí  
[berechristoforo@hotmail.com](mailto:berechristoforo@hotmail.com)

Debora Rodrigues **Rodrigues**<sup>4</sup>

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí  
[deboraufgpet@yahoo.com.br](mailto:deboraufgpet@yahoo.com.br)

Luiz Almeida **Silva**<sup>5</sup>

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí  
[enferluiz@yahoo.com.br](mailto:enferluiz@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O presente trabalho objetivou relatar o resultado de dois encontros do I Fórum de discussão sobre a formação na área de saúde: limites e desafios, no qual foram criados espaços de discussões, utilizando rodas de conversa com a participação 32 docentes dos cursos da saúde

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Enfermagem, membro do NEGEAST. Aluna do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás/Goiânia.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Enfermagem, membro do NEGEAST. Doutora em Enfermagem.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Enfermagem, membro do NEGEAST. Mestre em Enfermagem.

<sup>4</sup> Enfermeira. Membro do NEGEAST. Aluna do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás/Jataí.

<sup>5</sup> Professor do Curso de Enfermagem, membro do NEGEAST. Doutor em enfermagem.

de uma instituição pública de ensino superior. Na discussão sobre o primeiro tema, qualidade de vida no trabalho docente, as dificuldades relatadas foram a obrigação e a pressão impostas pelo sistema a fim de cumprir metas de produtividade, excesso de trabalho com ensino, pesquisa, extensão e funções administrativas, jornada sem delimitação clara do tempo, levando ao sofrimento físico e psíquico. Na discussão do segundo tema, relação docente / discente, emergiram aspectos facilitadores e problemas que envolvem a estrutura da universidade, problemas técnicos e dificuldades de relacionamento interpessoal.

Palavras-chave: Formação Docente; Qualidade de Vida; Trabalhadores da Saúde.

### ***ABSTRACT***

This study aimed to report the result of two meetings of the “I Forum for discussion on training in the field of health: limitations and challenges”, in which were created areas of discussion that made use of “rounds of conversation” with the participation of 32 teachers of health courses at a public institution of higher education. In discussing the first topic, quality of life in teaching work, the difficulties reported were the obligation and the pressure imposed by the system in order to meet productivity goals, overworking with teaching, research, extension and administrative functions, unlimited working hours, leading to physical and psychological distress. In the discussion of the second topic, relationship between students and teachers, emerged facilitating factors and problems that involve the structure of the university, technical problems and difficulties in interpersonal relationship.

Keywords: Teacher Training; Quality of Life; Health Workers.

### ***INTRODUÇÃO***

O modelo biomédico, centrado no tratamento das doenças e reducionista para o conceito de saúde, lentamente, vem sendo substituído por um modelo que ressalta “a necessidade de fortalecimento do cliente para a promoção da saúde” (RODRIGUES, 2006, p. 60). Este modelo exige novos desafios na formação do futuro profissional e no processo de trabalho em saúde, e para a sua consolidação e efetivação faz-se necessário vencer alguns desafios, entre eles pode-se citar ações de redirecionar as práticas da graduação e da pós-graduação (BRASIL, 2007).

Para atingir esse contexto surge a necessidade da formação de profissionais pró-ativos, capazes de fazer reflexões sobre o trabalho, tomar decisões, de intervir no processo saúde doença, de enfrentar situações em constantes mudanças (BRASIL, 2007; THERRIEN; FEITOSA, 2010).

A formação deste profissional, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais (DCN) dos cursos de graduação em saúde de 2001, deve estar sustentada na integralidade, interdisciplinaridade, na articulação teoria e prática e na utilização de métodos ativos de ensino (FEVERWERKER; ALMEIDA, 2003). As DCN permitiram a flexibilização dos currículos de graduação e auxiliam no desenvolvimento de um currículo por meio das habilidades e competências. Formam a base para a formação da educação superior, do aprimoramento cultural, técnico e científico do indivíduo, de projetos pedagógicos com o objetivo de mudanças na formação profissional (Fernandes et al., 2005).

Neste sentido, as universidades e os docentes dos cursos de graduação da área de saúde, tem um papel essencial, pois estes são os agentes responsáveis, junto com os alunos, pelo processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente pela formação deste profissional. Na condução do processo de formação, os docentes dos cursos da área de saúde são protagonistas e precisam construir sua identidade profissional. Do mesmo modo, devem fazer uma reflexão sobre suas ações do dia a dia, analisar se seu processo de trabalho é saudável, se existe crescimento pessoal e se encontra sentido no seu trabalho, a fim de ampliar e melhorar sua prática docente.

A construção da identidade profissional no trabalho se solidifica no dia a dia do professor, em suas relações diárias com a sociedade, com a instituição, com o alunado e em todas as implicações políticas que envolvem este convívio, que abrange desde a relação professor-aluno, as leis estabelecidas pelo Ministério da Saúde e ainda as condições de trabalho de cada instituição em que esta inserida (PEREIRA, 2006).

Porém, Mancebo (2007) ressalta uma precarização no trabalho docente nas Instituições de Ensino Superior, e este fator pode influenciar a prática deste de diversas formas, como por exemplo, na sua saúde, o que reflete na qualidade de vida, bem como na qualidade das aulas ministradas, e conseqüentemente na relação com acadêmicos.

Outro fator citado por Pereira (2013), é a exigência maior em relação à formação técnica e científica do docente, pois quanto mais qualificado, maior será o domínio de conteúdo a ser ministrado em suas aulas. Da mesma maneira há ainda a necessidade da capacidade prática e política para agir de forma ética e se relacionar adequadamente com colegas de trabalho e discentes, além de ser capaz de realizar outras atividades como corrigir trabalhos e provas, realizar pesquisas e orientações, participar de projetos de extensão e ainda assumir cargos administrativos.

Neste sentido todas estas funções acima elencadas, que devem ser realizadas pelos docentes muitas vezes levam a sobrecarga de trabalho, dificultando limites entre o tempo de trabalho e não trabalho, elevando a pressão pelo cumprimento de metas de produtividade. Assim a organização e a natureza do trabalho docente pode ser considerado um fator de risco para sua saúde, sendo que muitas vezes as instituições de ensino se esquecem de que o professor é um ser humano, que apresenta fraquezas, medos, ansiedades, limites, o que pode contribuir para problemas de saúde física e mental (BASTOS, 2007; BOSI, 2007).

Entretanto o trabalho de docência é e continuará sendo a centralidade da construção da realização pessoal, da formação das relações interpessoais, da evolução e de uma vida saudável. Desta forma um trabalho de qualidade seria a adequação das tarefas reais que constituem o trabalho como professor, em um tempo planejado e suficiente à sua realização.

Neste contexto, a universidade deve propiciar condições formativas para que os docentes se preparem para o novo enfoque do processo de ensino aprendizagem, criem espaços de discussão sobre a formação e as práticas docentes, para que possa efetivamente colocar em prática mudanças para a formação nos cursos de graduação (PIMENTA; ALMEIDA, 2011).

Deste modo, com o objetivo de fomentar estas discussões, foi realizado o **I Fórum de discussão sobre a formação na área de saúde**: limites e desafios. Na sequência serão descritos dois momentos de discussão, com temas sobre a qualidade de vida do docente e os desafios da relação docente discente nos cursos de graduação e pós-graduação em saúde.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência dos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gestão e Atenção à Saúde do Trabalhador (NEGEAST), desenvolvido no ano de 2014. O fórum de discussão tem como estratégia metodológica o trabalho em grupo por meio de rodas de conversa. O método da roda não se aplica a ideia de “permanente co-produção, negociação de contratos e compromissos sempre provisórios. [...] traz para o debate uma pretensão libertária ainda muito solitária e com poucas experiências bem consolidadas no mundo contemporâneo”(Cunha e Campos, 2010, p. 32). Para os autores, o método da roda “sintoniza-se com muitas tradições libertárias da educação e da política ao apontar que: ninguém sai da roda (de co-gestão) da mesma forma que entrou” (Cunha e Campos, 2010, p. 36).

Deste modo, entende-se que a roda de conversa também é uma metodologia de intervenção com a participação coletiva e com espaços de diálogos, de expressão, de escuta própria e de seus pares, favorecendo assim, a trocas de experiências entre os envolvidos.

O público alvo são os docentes dos cursos da área de saúde da Universidade Federal de Goiás – regional Jataí, e, a cada encontro foram convidados, pelos membros do NEGEAST, profissionais que possam conduzir as discussões na roda de conversa.

## **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA EM UMA RODA DE CONVERSA**

A primeira atividade iniciou-se com a discussão e apresentação de três docentes, convidados para mediar a discussão, com posterior apresentação dos participantes. Todos tiveram a oportunidade de falar, expor considerações sobre as condições de trabalho e sua percepção sobre a qualidade de vida e a sua relação com a prática docente.

Por meio das falas dos professores, verificou-se que a principal dificuldade em obter qualidade de vida no trabalho docente, é a obrigação e a pressão imposta pelo sistema da

universidade pública para cumprir metas de produtividade. Produtividade que está diretamente relacionada com o desenvolvimento de pesquisas, de projetos de extensão e consequentemente da publicação do resultado destas práticas.

Bosi (2007, p.1513), comenta a respeito do aumento de produtividade, e da “quantidade de “produtos” (aulas, orientações, publicações, projetos, patentes etc.) expelidos pelo docente”. O autor ainda retrata que os órgãos de fomento à pesquisa direcionam recursos para estudos com a capacidade de reprodução do capital e que os editais buscam uma produção acadêmica em geral. Como consequência, a produção acadêmica passa a ser medida pela quantidade, o que resulta em um crescimento desmesurado da produtividade.

Esta avaliação quantitativa da produção, reflete em números que avaliam a graduação, a pós graduação e os artigos científicos que só passam a ter valor se publicados em revistas com as melhores estratificação de *qualis*. Isto pode gerar um sentimento, no qual o docente acredita “que o seu desempenho é excepcional, fruto de algum tipo de genialidade que o distingue de seus pares. [...] passa despercebido que sua suposta genialidade é eleita por critérios definidos pelos interesses do mercado [...]” (Bosi, 2007, p. 1516).

Do mesmo modo, Mancebo (2007), relata que a universidade apressa a atuação dos docentes por meio de leituras aceleradas, pesquisas imediatistas, aligeiramento de cursos e formação de discentes em tempo mínimo. Este cenário aproxima o trabalho intelectual docente ao tipo de trabalho imposto pelo modo de produção capitalista. Com isso, o docente precisa construir estratégias para suportar as dificuldades do trabalho na universidade no contexto atual.

Outro problema citado, pelos participantes do fórum, foi a dificuldade de se concluir os trabalhos acadêmicos durante a jornada de trabalho semanal. Os docentes relatam a necessidade de levar as atividades que ficam pendentes para a continuidade nos lares, no período noturno, finais de semana, feriados e ainda no período de férias. Para Borsoi (2012) este modo de trabalho leva a um modo de comportamento, que não reconhece o marco entre o tempo de trabalho e o de não trabalho.

Adoecimento físico, mental ou sofrimento, fatores que influenciam diretamente na qualidade de vida, foram também abordados. Estes aspectos são reforçados pelo clima de

competição entre os pares e sentimento de descontentamento. Uma pesquisa, realizada com docentes de uma universidade federal, concluiu que a sobrecarga de trabalho por forte exigência de cumprimento de metas produtivistas, influencia fortemente no modo de vida dentro e fora do espaço institucional, e podem fazer com que docentes coloquem o compromisso com alunos, seus colegas e produção científica, acima das suas necessidades e condições pessoais, levando assim ao sofrimento e adoecimento (Borsoi, 2012).

Diante das falas dos docentes que participaram do primeiro encontro do fórum de discussão, percebeu-se que, independente do que cada um considera importante para uma boa qualidade de vida no trabalho, a maioria, avaliou que não possui qualidade de vida e ainda consegue perceber que está adoecendo física e psicologicamente. Fato curioso, é que o que vem a tona na fala dos participantes, não é a qualidade de vida, não são as experiências que promovem a qualidade, e ou o que eles fazem nos momentos de lazer para atingir a qualidade. O que foi abordado nesta roda de conversa foram apenas os problemas, as dificuldades, os percalços do dia a dia o que se traduz “na falta de qualidade de vida”.

Outro tema proposto para a discussão foi a relação professor-aluno que será exposto a seguir. Nesta relação, há tempos a postura e a prática do professor, na instituição de ensino vêm sendo discutida. A mudança de comportamento dos docentes exige que este, cada vez mais, abandone o paradigma da escola tradicional, no qual o comportamento é autoritário, de transmissão de conteúdos e a relação é estabelecida de modo vertical. Deste modo, o docente no paradigma emergente valoriza a postura humanística, incentiva a interdisciplinaridade, demanda a exposição teórica dialogada, a inserção do aluno à realidade e a pesquisa tornando-o competente na busca de conhecimento (BERHENS, 2003). Acredita-se que estas qualidades favorecem a relação docente-discente, que ambas as partes se motivam, além de contribuir para desenvolver o compromisso, a responsabilidade, do profissional cidadão e autônomo e com a capacidade de reflexão sobre a sua prática (RODRIGUES, 2006).

Esta postura pôde ser constatada, na roda de conversa, quando alguns aspectos **facilitadores da relação** foram citados como: o incentivo institucional para a realização de pesquisa com a participação de discentes, formação de qualidade dos docentes, boa relação

docente-discente, o desejo de fazer carreira profissional nesta universidade assumindo o compromisso com a docência.

Outro ponto discutido entre os docentes foram as dificuldades encontradas na relação professor aluno. No entanto, por vezes, os docentes citaram as facilidades também como dificuldades e vice e versa. Com relação aos problemas que envolvem a **estrutura da universidade** propriamente dita, as questões levantadas, foram: falta de conhecimento dos docentes em algumas áreas de atuação, nos casos em que são obrigados a assumir disciplinas de outras áreas, burocracia da instituição pública, falta de preparo para atividades de gestão e coordenação pedagógica, falta de participação da comunidade e alta rotatividade de docentes em alguns cursos.

Em um *campus* localizado no interior do Estado, certamente existirão dificuldades que não serão encontradas em uma capital. Deste modo, verifica-se a dificuldade de adaptação de professores que muitas, fazem mudanças significativas em suas vidas. A mudança de cidade, estado, e muitas vezes de região, somado as dificuldades de lecionar no interior fazem com que os docentes procurem outros concursos em centros mais desenvolvidos.

Além das dificuldades citadas, alguns **problemas técnicos**, como o mau funcionamento da internet e conseqüentemente da informática e a falta de material para aulas práticas também foram mencionados. Neste sentido, o docente sente-se incapaz, pois problemas desta ordem, não poderão ser resolvidos por ele. No entanto, como este *campus* encontra-se no interior, o acesso à internet, muitas vezes é um problema até para a população da cidade. Sendo assim, na era da informação, na qual o docente é obrigado a atualizar-se rapidamente e quase todos os modos de trabalhos são realizados por meio da internet, torna-se imperioso que esta tecnologia esteja ao alcance de todos.

Outras dificuldades abordadas foram as que tangem os **problemas de relacionamento** entre os docentes. Foram citadas situações nas quais docentes agem sem ética, algumas vezes prejudicando colegas, falta de trabalho coletivo, grande competitividade entre os docentes e limitações emocionais. Rúdio (1991, p. 71), há tempos já descrevia a respeito deste tema e relatou que “viver em harmonia com os outros não significa necessariamente ausência do conflito, mas que a solução está sempre na maneira de encará-lo



e resolvê-lo. Realmente, o conflito é inevitável, pois convivemos com pessoas que são diferentes de nós”. O autor ressalta ainda, que o conflito é desejável para chacoalhar os relacionamentos que por vezes tornam-se estanques e monótonos, e, deste modo, os relacionamentos podem tornar-se mais produtivos.

A questão da competitividade, citada a cima, decorre do sistema de valores que dirige nossa sociedade para o consumismo, lucro e promoção social. Isto de alguma maneira reflete sobre o trabalho docente e ainda sobre a relação professor aluno.

Rúdio (1991), comenta que temos sentido e significado a partir da auto-realização em ser docente e discente e aí se encontra a base para o “diálogo educativo”. Este diálogo deve ser instrumento na educação, e que talvez a qualidade mais importante

“é a autenticidade do educador, a sua condição de ser genuíno, verdadeiro. O educando deve sentir que o educador faz sempre o jogo da verdade, em todo instante e sob todos os aspectos. Que em momento algum ele é conivente com a falsidade, que não usa subterfúgios, que ele tem um discernimento suficiente para não confundir a sinceridade com a indiscrição e nem a franqueza com a violência” (Rúdio, 1991, p. 75).

Outros problemas citados pelos docentes foram relacionados ao conhecimento teórico deficiente do discente ao entrar na universidade, expectativas dos discentes que nem sempre correspondem com a realidade do curso e da instituição de ensino, lidar com a “geração celular”, falta de respeito com o professor e com os colegas.

Percebe-se nestas falas, a dificuldade dos docentes em lidar com toda esta demanda de anseios e expectativas dos discentes. Acredita-se que o docente tenha papel fundamental neste momento, no qual, talvez caiba a ele ajudar o discente a se conhecer, reconhecer seus valores e viver em harmonia com seus pares.

No cerne das relações, na qual um indivíduo exerce influência sobre outros, cada personalidade se transforma de modo superficial ou profundo, por vezes contribuindo ou não. No entanto, no processo educativo, fazer este enfrentamento no convívio faz-se necessário, para de fato “aprender a arte do relacionamento para saber como enfrentar, como aproveitar

os recursos que o ambiente oferece, como defender-se, como ser participante e solidário, como ajudar os outros etc” (Rúdio, 1991, p.70)

No entanto, para complementar este processo, destaca-se que as relações no ensino superior ainda estão sujeitas a regras, as escolhas pedagógicas, aos objetivos de todos os envolvidos no processo, as formas de avaliação, “enfim, convenções que nem sempre são estabelecidas só pelos professores e alunos, mas também pela gestão do curso, e, algumas delas, pela legislação vigente no País (Roncaglio, 2004, p. 101).

Todas as questões que envolvem a relação professor-aluno são instigantes e precisam ser debatidas para cada vez mais os atores envolvidos neste processo possam se apropriar cada vez mais do seu fazer. Desta maneira, também nos chama a atenção a voz dos discentes, em uma pesquisa, na qual estes foram inquiridos sobre a relação professor-aluno. Os alunos consideram o professor como um modelo e como uma ligação entre o aluno e o conhecimento. No entanto, os alunos relataram que os professores desaprovam a escola tradicional, mas, na prática, “passam muita teoria e não se utilizam da didática e dos recursos pedagógicos que dizem ser importantes. Com isso, os alunos salientam que, em algumas disciplinas, há um hiato entre a teoria e a prática, na ação docente” (Roncaglio, 2004, p. 103).

Deste modo, é necessário ampliar a discussão, ouvir ambas as partes do processo e principalmente assumir o compromisso com a docência e ser racional com o discurso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise das falas dos docentes que participaram do primeiro encontro do fórum de discussão, verificou-se que, a maioria dos participantes, avaliou a sua qualidade de vida comprometida, bem como, sentem-se vulneráveis ao adoecimento físico e psíquico.

Com o objetivo de discutir tais temáticas, o fórum permitiu abrir um espaço de discussão, no qual estes temas foram abordados. Foram levantadas algumas dificuldades e problemas da prática docente, que conseqüentemente, por meio de reflexões e troca de

experiências nas rodas de conversas buscavam-se, a todo momento, recursos e estratégias para amenizar todas as questões do dia a dia da prática docente.

Situações como a sobrecarga laboral, cobrança pela produtividade científica, jornada de trabalho estendida até os momentos que supostamente deveriam estar descansando e sem delimitação clara do tempo foram citadas. Ainda destacam-se atividades como preparação de aulas, execução das aulas propriamente dita, leitura e correção de trabalhos e provas e ainda funções administrativas.

A relação professor-aluno, tema proposto para a discussão, também esteve em evidência. A estrutura rígida da universidade, falta de apoio da coordenação pedagógica, em alguns casos a rotatividade dos docentes e a localização do *campus* no interior também foram citados.

Considerou-se que a experiência oportunizada pelo fórum, foi de grande importância para os docentes. Sendo assim, destaca-se a necessidade de incentivar iniciativas como estas, pois deste modo, espaços para discussão e reflexões da prática docente poderão contribuir tanto para a qualidade de vida deste profissional quanto para a relação docente discente.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

BASTOS, A. V. B. O ofício acadêmico: singular ou plural? **Rev. O & S**, v. 14, n. 43, p.179-185, out./dez. 2007.

BERHRENS, M.A; JOSÉ, E.M. Metodologia de aprendizagem por projeto num paradigma emergente. In: BERHRENS, M. A. (org). **Docência universitária na sociedade do Conhecimento**. Curitiba: Champagant, 2003.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior no Brasil nesses últimos 25 anos. **Educ & Soc.**, Campinas. v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educ. Soc., Campinas**, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.

- BORSOI, I.C.F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**, v.15 n.1: 81-100, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – Pró-Saúde: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial**. Brasília, 2007. 86 p. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).
- CUNHA, G. T, CAMPOS, G. W. de S. Método paidéia para co-gestão de coletivos organizados para o trabalho. **Org & Demo**, Marília, v.11, n.1, p. 31-46, jan./jun., 2010.
- FERNANDES, J. D. et al. Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev Esc Enferm**, São Paulo 2005; 39(4):443-9.
- FEVERWERKER, L.; ALMEIDA, M. Diretrizes Curriculares e Projetos Pedagógicos: é tempo de ação! **Rev. Bras. Enf.**, v.56, n.4, p. 352-352, 2003.
- FREITAS, L. G. **Docentes, seu trabalho e a dinâmica de prazer-sofrimento**. In: FREITAS, L. G. de (coord.) **Prazer e sofrimento no trabalho docente: pesquisas brasileiras**. Curitiba: Juruá, 2013.
- MANCIBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v. 20, n. 1, p. 77-83, 2007.
- MARTINS, A. A. V. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho docente: um estudo em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Novos Horizontes. Mestrado Acadêmico em Administração.
- RODRIGUES, J. **A representação do docente sobre a formação do enfermeiro**. Dissertação (Mestrado). Curitiba: 2006. 104 p.
- ROCANGLIO, S. M. A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional. **Psicologia ciência e profissão**, 2004, 24 (2), 100-111.
- RÚDIO, F.V. **Compreensão Humana e Ajuda ao Outro**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PEREIRA, T.C.R. **A dinâmica prazer-sofrimento no trabalho: estudo de caso com docentes de uma Instituição de Ensino Superior Privada de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2013. Dissertação (Mestrado), Faculdade Novos Horizontes. Mestrado acadêmico em administração.

PIMENTA, S.G.; ALMEIDA.M.I. **Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

TERRIEN, S.M.N; FEITOSA, L.M, Ação formativa e o desafio para a graduação em saúde. **Rev. Brasileira de Educação Médica**, v.34, n.2, p. 227-237, 2010.